

**Resenhas**

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de; Xavier, Gláucia do Carmo (Orgs). *Questões sobre Linguagem, Escola e Ensino: Alguns olhares, várias direções.*

Florianópolis: Beconn, 2014.

**Rodrigo Morato \***

moratorodrigo@gmail.com

\* Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas. Professor da rede municipal de ensino de Contagem e professor Assistente I da PUC Minas.

O livro “Questões sobre Linguagem, Escola e Ensino: Alguns olhares, várias direções”, organizado por Adilson Oliveira e Gláucia Xavier, busca refletir questões relacionadas à escola, principalmente no âmbito da linguagem. Como os organizadores citam na apresentação do livro, todos os sete autores são membros do grupo de pesquisa GEALI (Grupo de Estudos sobre Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura) e professores de Língua Portuguesa e Literatura do IFMG/ Ouro Preto (Instituto Federal de Minas Gerais). No livro, eles propõem articulações teóricas e práticas sobre inquietações no âmbito da linguagem e que refletem no ensino.

As várias questões apresentadas se referem à Educação Básica e cada autor, a seu modo, debate uma determinada questão sobre linguagem, escola e ensino. Dessa forma, é possível perceber no livro alguns olhares e várias direções visando a melhorias na educação. É interessante o movimento da obra, pois o diálogo com o leitor é organizado a partir de temas gerais até os mais específicos.

Partindo de uma discussão mais ampla, o primeiro capítulo sobre currículo escolar, escrito por Gláucia Xavier, aborda desde um trajeto histórico do currículo, mostrando uma visão mais tecnicista da educação no passado, passando por um período mais crítico em relação ao quê e como se ensinar na escola, até os dias atuais, em que há uma tendência às perspectivas de inclusão. Nesse percurso, fica claro a relevância da reflexão sobre currículo na escola, o tempo todo. Segundo ela, o currículo é a “coluna vertebral da educação escolar”. Assim, para que haja mudanças na educação, é preciso repensar e avaliar o currículo proposto, assim como o currículo real, que são as ações ocorridas na sala de aula. O capítulo permite que o leitor compreenda como é possível pensar as diferenças na sala de aula, a partir de um currículo, *a priori*, único para todos.

Saindo um pouco do macro e indo para o micro, sobre as questões da escola e ensino, o segundo capítulo, de Adilson Ribeiro, apresenta apontamentos sobre leitura. O autor parte de questões como estratégias e habilidades de leitura, perpassando pelos processos cognitivos ligados à compreensão do que se lê. Para isso, debate-se memória, codificação e situações influenciadas pelo meio social. Outro ponto abordado pelo autor é o da interação. Assim, a atividade de leitura vai além de um processo apenas cognitivo, mas também de interação entre autor/leitor/texto. Por fim, o leitor é capaz de compreender que a leitura, como uma subárea da linguagem, deve permear aspectos cognitivos, sociais e interacionais.

Aprofundando mais ainda o tema leitura e já partindo também para a escrita, Dulce Aguiar, autora do terceiro capítulo mostra ao leitor que, na verdade, lemos e escrevemos gêneros, o que vai além de textos. Numa perspectiva teórica e prática, ela escolhe o gênero "editorial" para fazer uma descrição de um trabalho sobre escrita e leitura. Nesse sentido, ela aponta caminhos para o desenvolvimento da argumentação e como isso pode se dar. É com esse capítulo que a obra passa a entrar cada vez mais na sala de aula propondo questões sobre linguagem, escola e ensino.

No quarto capítulo, Solange Rodrigues, leva o leitor a refletir sobre a identidade do aluno da EJA (Educação de jovens e Adultos). Ela parte de uma abordagem histórica da EJA na educação do Brasil e através do gênero textual "memorial" constrói o perfil de um alunado que apresenta especificidades socioculturais e que necessita de políticas públicas que evitem a reprodução de desigualdades. Portanto, através desse relato de experiência, que partiu de uma produção textual com os alunos, a autora proporciona ao leitor alguns olhares sobre essa realidade na escola.

Os alunos da EJA, também são protagonistas no debate do quinto capítulo. Porém, nesse momento, Érica Aniceto, retoma o trabalho com a leitura. Nesse ponto do livro, o leitor percebe, claramente, como os temas abordados se entrelaçam, mas sem parecerem repetitivos e, tão pouco, divergentes ou sem conexão entre si. Agora, a autora, a partir do ato de ler pelos alunos da EJA e com o auxílio da Teoria das Representações Sociais, mostra, através de dados de sua pesquisa, como a escola é, por natureza, uma agência de letramento.

Lucinda Araújo, no capítulo seguinte, foca o olhar no professor e sua trajetória desafiadora do fazer docente. E não mais numa perspectiva ampla de

escola, volta seu olhar para a realidade do IFMG que, certamente, retrata outras realidades escolares e de demais instituições federais. Ela aborda as recentes transformações dos institutos como, por exemplo, a inserção do “fazer pesquisa” na escola.

Por fim, Rita dos Santos, fecha o debate do livro abordando o tema desempenho escolar. E, de maneira sábia, a autora, parte da questão ampla da escola como formadora de cidadãos conscientes para a realidade da sala de aula, baseada em metodologias tradicionais, apontando o desempenho escolar dos alunos como um problema a ser superado atualmente. Com dados de sua pesquisa no IFMG, ela conclui que é preciso que a escola faça um bom diagnóstico das necessidades de seus alunos e que o respeito às diferenças deve permear o aprendizado, uma vez que a relação entre aprovação/reprovação é estreita com a satisfação do aluno em relação à disciplina cursada.

E dessa forma, a obra traça o caminho que a partir de uma noção ampla de linguagem, escola e ensino; alguns olhares e várias direções são propostos pelos autores que pontualmente vão marcando o debate.